

# Governo de si mesmo

» MAURÍCIO CORRÊA  
Advogado



É de Sêneca a afirmação de que o governo mais difícil é o governo de si próprio. É o que deve ter vivido o governador Arruda nos dias antecedentes à sua prisão. A reflexão pode o ter levado a fazer indagação do gênero: mas, se eu renunciar, vou entregar o governo a quem? Ao vice-governador ou ao deputado que elegi presidente da Câmara Legislativa? Se o vice assumir, pode ser que uma tempestade caia sobre seus ombros, mas pode ser até que nada aconteça. O mais certo é que, mesmo com possíveis adversidades, chegue são e salvo ao fim do mandato. Quem pode dizer que não? Até pode se reeleger governador. Não, não, isso não é bom.

Melhor é que o deputado seja o governador. Mas como, se tal eventualidade não depende de mim? Os compromissos, as obras, os correligionários, os privilégios, os servidores à disposição, os carros, os helicópteros, não, seguramente não, não devo renunciar ou me afastar do cargo. Ademais, como ficarei? E ainda ter de arcar com os ônus dos processos, abrir mão das garantias de foro especial, sujeitar às manhas de um promotor atrabiliário ou de um juiz bilioso? Não, não, definitivamente não. Continuarei no exercício do mandato até quando a sorte permitir. Essa é, quem sabe, a síntese do que parece ter sido o paradoxo de um solitário governador ensimesmado num labirinto de dúvidas.

Âmbições políticas podem levar muita gente a práticas de sandice. Eleições exigem gastos de toda ordem. Se a candidatura é para governador, por exemplo, os candidatos precisam de dinheiro para sustentar as eleições. Os dispêndios com materiais de campanha, propaganda na internet, no rádio, na televisão, com cabos eleitorais, são altos. Os meios legais de financiamento eleitoral são notoriamente restritos e insuficientes para bancar despesas. A busca de recursos de fontes ilegais converteu-se em costume generalizado no país. Não é praxe isolada da capital da República. Muita gente no Brasil faz o mesmo. Quando mandatos começam a chegar ao fim, o desespero toma conta dos candidatos. É hora de arranjar dinheiro venha de onde vier.

No caso de Brasília, o procedimento de coleta de recursos para esse fim, como os fatos estão a dizer, rodopiou na contramão das regras de segurança. Fez-se de forma ostensiva sem que seus agentes se preocupassem com os riscos da empreitada. Os que se encarregam de arrecadar dinheiro sem amparo legal, como é sabido, usam sempre de astúcia, raposia e esperteza. Agem com a força do poder, porém sem que o poder se comprometa. Tudo é feito sem deixar rastros para que os ilícitos não sejam descobertos. Sabe-se que existem, são reais, mas não há como pegar os responsáveis. O que difere de

muitos desses comportamentos é que em Brasília as coisas parecem que foram feitas com amadorismo, açodada e desarticuladamente. Enfim, não tiveram competência para a execução da tarefa. As revelações dos fatos delituosos apontados no inquérito judicial a que responde o governador outra coisa não tratam, afinal, se não de dinheiro para campanha eleitoral.

O relaxamento nos procedimentos de arrecadação de dinheiro resultou no desabamento do governo de Brasília. É isso que se extrai do conteúdo final das acusações: dinheiro, muito dinheiro contrabandeado para as eleições deste ano. Desde quando se fizeram as primeiras eleições para a escolha de governador, o hábito desabrido se instalou na cidade, tal qual vírus infeccioso. Apesar de endôgena a cultura viciosa nos pleitos eleitorais da capital, nunca se provou sua constatação real. Por isso, até agora, nenhuma condenação foi proferida pela Justiça. Na hipótese atual, tudo se deu, ao que se mostra, pela inadvertência na perpetração dos ilícitos. Do que é permitido observar de fora, nada se apurou até aqui sobre remessa de numerário para constas secretas no exterior. Essas circunstâncias, se existentes, serviriam para afiar ainda mais a espada pendente sobre a cabeça dos envolvidos na conspiração criminosas.

Arruda teve a melhor das oportunidades de se afastar do governo enquanto era tempo. De pedir licença e deixar que o substituto legal assumisse as funções. O egocentrismo, porém, se sobrepôs à prudência. Permaneceu escravo do cargo e não quis ceder no momento certo. Em pleno curso do inquérito a que responde, cometeu a insensatez de querer subornar testemunha. O noticiário exibido sobre as ocorrências apresenta elementos que davam margem ao Ministério Público para requerer, como de seu dever, sua prisão. Se há indícios que ameacem a ordem pública e comprometam a instrução penal, pode o relator decretar a prisão preventiva de quem atrapalhe as investigações, mediante provocação do órgão do MP. É o que se verificou com a prisão preventiva decretada na quinta-feira passada pelo relator do inquérito.

Indeferido o pedido cautelar de soltura, resta agora ao governador, com pouca chance, de que o pleno do Supremo Tribunal Federal o modifique para conceder a ordem. Isso agrava ainda mais sua situação. Protocolado pedido de intervenção na capital, surge novo capítulo na tragédia política local, que será objeto de exame em outra oportunidade. Arruda não teve discernimento para avaliar a gravidade do quadro vivido. Paga, assim, o preço por ter se achado acima da evidência dos fatos.



**ARI CUNHA**

Desde 1960

**VISTO, LIDO E OUVIDO**

aricunha@dabr.com.br  
com Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

## Reunir os amigos

Não se sabe quando a coisa começou. Podemos distinguir à direita do Lago Norte o Conjunto Vivencial com várias quadras em funcionamento. Função de assistência social faz parte das atividades. É hora de chamarmos para nosso convívio as pessoas que moram no Varjão. Bom sugerir a organização de creche com assistência social do Conjunto. Maneira ideal para integrarmos a comunidade. Pessoal especializado adotaria aos sábados e aos domingos essa integração. As crianças terão guaraná, água mineral e sanduíches para consumo a toda hora. O trato com a vizinhança é boa oportunidade. Alguns desses pequenos aprenderão profissões e se tornarão pessoas responsáveis e úteis. Aos não dedicados, conversa com os pais será agradável.

### » A frase que não foi pronunciada

“O homem é aquilo que costuma pensar o dia todo.”

» Explicação para o que acontece no futuro de cada um.

### Haiti

» Pelo menos 50 mil crianças estão perdidas das famílias desaparecidas. O problema é sério. As Nações Unidas, representadas pelo Brasil, estudam o destino delas. Pessoas foram presas vendendo crianças a estrangeiros. A situação é séria, e o Brasil acompanha todos os passos. Tropas usam meios eficazes para conquistarem o carinho dos nativos.

### Bancos pagarão

» Depois de receberem toda ajuda do governo Barack Obama, os bancos dos Estados Unidos serão debitados por todos os lucros adquiridos com apoio governamental acrescidos de juros. A recomendação é devolução dos favores recebidos.

### Tiquete valioso

» Servidor público terá tiquete de R\$ 304. O aumento é da ordem de 191%. É fácil e alegre a disposição do governo federal para conceder aumento. Ainda mais que o dinheiro sairá do bolso do contribuinte por intermédio de repartições oficiais. A medida de cunho eleitoral motiva alegria aos funcionários. Terminada a eleição, o Tesouro não terá como continuar esbanjando.

### Abuso

» Estudantes que foram estimulados a abrir conta em bancos são obrigados pela gerência a trocar o cartão de débito por crédito. Mais uma cilada. A ameaça é a de que, se não fizer a troca, a conta encerrada. Quem paga apenas o que pode é uma ameaça ao sistema financeiro.

### Helicópteros

» Há tempos pilotos de helicópteros do Rio e de São Paulo pedem socorro. As máquinas não recebem inspetoria para oferecer a segurança ideal. Aqui em Brasília as torres de telefonia móvel continuam sem a sinalização necessária. Bom seria não esperar um acidente para resolver a situação.

### Caesb

» Pico de luz desfez o trabalho da Caesb. Ambiente malcheiroso fez escorrer pelo Lago milhares de metros cúbicos de esgoto in natura. O raio caiu em cima da máquina, sem tempo para ativar equipamento de emergência. Ouvimos profissional que estava na hora do acidente. Não podia dar informação oficial. Na conversa ficamos sabendo como a coisa aconteceu. Só no dia seguinte a linha branca desapareceu, depois de se espalhar por vasta área do Lago Norte.

### Iguatemi

» O shopping Iguatemi terá uma ala Rodeo Drive do Cerrado, a esquina da elite. Numa parte logo à frente, estará stand com o nome de Nauss, vendendo as mais variadas qualidades de barcos de luxo. A presença da exposição durará algumas semanas para que o Brasil conheça o crescer aquático do Centro-Oeste.

### Logosófica

» Lembra a leitora Soraya Silveira as frases do criador da logosofia, Carlos Bernard Gonzalez Pecotche: "Como las piedras preciosas, las palabras poseen también sus quilates y su grado de pureza (...)". Belo mote para 2010.

### Prédios novos

» A reorganização dos prédios residenciais do Congresso vai reduzir despesas com habitação. Cobrada pequena taxa, parlamentares poderão receber visitas dos eleitores. Nas conversas muito dinheiro será poupado. Não é hora de se esbanjar o orçamento.

### » História de Brasília

A par disso, o mesmo sr. Alfonso Almiro declarou que todos os funcionários voltarão para o Rio e, segundo soubemos, já está tratando do retorno dos móveis da repartição. (Publicado em 24/2/1961)

## Ensinar a ler

» JAIME PINSKY

Historiador, professor titular aposentado da Unicamp, diretor da Editora Contexto  
www.jaimepinsky.com.br

“A leitura de um texto exige muito mais que o simples conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores”, ensinam Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias no livro *Ler e compreender, os sentidos do texto*. De fato, quanto mais rico e pleno de referências for o universo cultural do leitor, mais rica poderá ser sua leitura. Por outro lado cabe ao autor conhecer o leitor, o interlocutor, se de fato deseja estabelecer um diálogo frutífero e não um monólogo estéril.

Saber da necessidade desse diálogo é fundamental para a atividade editorial, em qualquer nível, a partir de qualquer mídia. Um editor de jornal orienta os repórteres, editorialistas e os colaboradores no sentido de adequar a escrita ao universo cultural e às condições de leitura dos assinantes. Os suplementos e cadernos, destinados a diferentes segmentos de leitores, são uma prova disso. Não é por acaso que os jornais dominicais são mais massudos, plenos de artigos mais longos; também é nesse dia que os suplementos culturais circulam: o povo dedica mais tempo e mais atenção à leitura dos diários.

Da mesma forma, é perceptível a mudança, para mais “fácil”, na linguagem das revistas semanais de grande circulação. Refêns exatamente de sua grande circulação viram-se obrigadas a veicular temas antes inimagináveis, como autoajuda. Embora ainda tragam matérias que permitem leitura em vários planos, muitas vezes a facilitação da linguagem substitui a precisão informativa. Isso quando

a linguagem coerente não é simplesmente substituída por infográficos, mapinhas e ilustrações legendadas com frases óbvias. Construir sentido sobre bases tão pobres como essas é um exercício tão elementar que dificilmente o leitor mereceria o título de grande estrategista.

Ao imitar, ou tentar copiar uma tela da internet, jornais, revistas e até livros podem, em vez de facilitar ou tornar acessível, simplesmente banalizar o conhecimento. O interlocutor não se sente estimulado para recorrer ao seu universo cultural, por mais limitado que ele seja, recorrendo apenas ao repertório mais imediato. Por outro lado, vários professores universitários relatam a preocupação utilitarista e imediatista da maioria dos alunos que abrem mão (sem lamentar, diga-se de passagem) de se apropriar do patrimônio cultural da humanidade. “Sua leitura dos textos fica muito empobrecida”, me conta um historiador preocupado com o ensino, “eles não têm ideia de que Sócrates não é apenas o nome do irmão do Rai, ou que *Raizes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, não é um tratado de botânica”.

O texto escrito, em geral, mas o livro, em particular, tem uma função civilizatória fundamental, a de colocar ao alcance dos cidadãos o conhecimento acumulado por séculos, de modo organizado. Isso implica estudar, conhecer fatos e, mais uma vez, estudar para conhecer teorias. Ter repertório de informações e saber como lidar com as informações para que elas não pareçam um samba do crioulo doido.

Não há escrita sem coerência, não há es-

crita sem coesão, no dizer de Koch. Para escrever adequadamente é necessário que o autor tenha acesso ao conhecimento organizado, tenha entendido o que buscou, tenha incorporado o saber e tenha condições de trabalhá-lo com outros saberes de que é detentor para, só então, poder criar. (Quem não faz toda essa trajetória corre o risco, hoje comum, de escrever não só trabalhos de curso, mas até dissertações e teses sem ter dado conta do já pesquisado e publicado. Ou seja, de chover no molhado). O ato de criação intelectual não é um exercício de descobrimentos da pólvora (mesmo porque ela já foi descoberta), mas de trabalho a partir de uma parcela do saber já acumulado.

Meu argumento é que uma cultura de “achados” não leva a nada, pois não se baseia no que já existia, mas simplesmente supõe originalidade dificilmente existente. E mais, despreza o conhecimento teórico, a organização do material coletado. Vira conhecimento inútil, de almanaque, não uma forma de desvendar o mundo.

É assustador verificar que jovens se satisfazem em participar passivamente do mundo em que vivem, abrindo mão de entendê-lo, dar-lhe conteúdo e, eventualmente, participar de sua mudança. É preocupante constatar que uma sociedade como a brasileira, vivendo momento único (já que a população ativa não precisa mais alimentar número excessivo de crianças, como acontecia há algumas décadas, nem cuidar de enorme massa de idosos, como acontecerá em algumas décadas), não vem se preocupando, seriamente, com ensinar a ler.